

Ser poeta também é ser teatro: versos inspiram três estreias em Lisboa

RITA BERTRAND

Ao chegar a Antuérpia, foi Herberto Helder que disse: “Percebi logo que ali ia ser muito difícil e, por conseguinte, que só ali valia a pena procurar.” Pode ser esse o mote, quando um encenador de teatro se atira a uma adaptação de poesia, o que acontece com três estreias desta semana em Lisboa – *A Máquina de Emaranhar Paisagens*, a partir do próprio Herberto Helder, desde dia 25 no Teatro da Cornucópia; *O Jovem Mágico*, que leva Cesariny ao palco do Teatro do Bairro desde o dia 26; e *A Morte do Príncipe*, que inclui Fernando Pessoa, a partir desta quinta-feira, 27, no Teatro da Trindade.

“A exigência e hermetismo dos textos de Herberto Helder questionam uma escrita meramente mental e racional, as palavras ganham densidade e vida também pela sua sonoridade e musicalidade. Daí a ideia de os transpor para teatro, dar corpo às palavras escritas com tudo o que isso pode potenciar e revelar”, explica o encenador Dinarte Branco na nota de intenções de *A Máquina de Emaranhar Paisagens*.

A peça é feita unicamente a partir da obra literária do autor – com textos como *Duas Pessoas*, de *Os Passos em Volta*, ou “do saibro irrompe a flor do cardo”, de *A Faca Não Corta o Fogo* – e o actor-encenador, a solo, cruza os versos com a música, interpretada ao vivo por Cristóvão Campos.

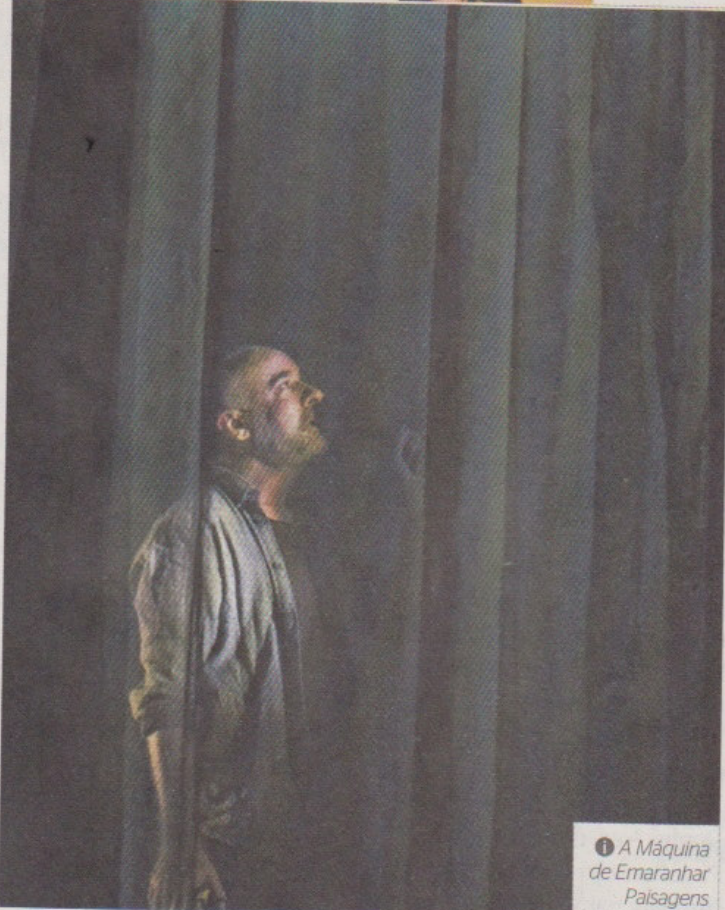
Já em *O Jovem Mágico*, com Maria João Luís, Cassiano Carneiro, Graciano Dias, Mário Sabinho Sousa e Rafael Fonseca, a junção de teatro e poesia acaba por ser, para o encenador António Pires, “o mais fácil”. Explica porquê: “É que vou sempre buscar aquilo que me dá prazer.” Mais natural ainda se



1 A Morte do Príncipe



1 O Jovem Mágico



1 A Máquina de Emaranhar Paisagens

torna ao pensar-se no percurso da companhia do Teatro do Bairro, que sempre trabalhou textos não teatrais (Melville, Cervantes, Goethe) e muita poesia – Lorca, Shakespeare, Ana Hatherly e Adília Lopes: “É mesmo disso que gostamos. Há aqui uma responsabilidade em relação às palavras, aos sentidos. O segredo é não ter medo. Já há muito tempo que o teatro não é só um sítio onde se contam histórias. Temos de acreditar que o público consegue usufruir de uma linguagem mais abstracta, neste caso surrealista. É isso que tenho tentado fazer, um trabalho artístico que cria objectos novos.”

Quanto a *A Morte do Príncipe*, ainda que o título seja de Fernando Pessoa, o ponto de partida foi *Máquina-Hamlet*, peça teatral de Heiner Müller. “Optei por incluir excertos da *Ode Triunfal*, de Álvaro de Campos, e poemas de Ricardo Reis e de Müller, que me pareceram produzir sentidos num universo de referências contemporâneo. A poesia contamina a violência dos textos que serviram de ponto de partida”, explica o encenador, Ricardo Boléo. O objectivo é encontrar a comunhão entre a linguagem, “menos quotidiana da poesia” e a do teatro. Simbiose não forçada, afinal: ambas são “escritas na primeira pessoa”.

A MÁQUINA DE EMARANHAR PAISAGENS

Teatro da Cornucópia, Lisboa
Até 6/11 || 3.ª a sáb., 21h30 || Dom. 16h
Digressão: Madeira, 12/11; Guimarães, 2 e 3/12; Porto, 23/2 a 26/2 de 2017

€7,50 a €12,50

O JOVEM MÁGICO

Teatro do Bairro, Lisboa
Até 20/11 || 4.ª a sáb., 21h30 || Dom., 17h

€5 a €12

A MORTE DO PRÍNCIPE

Teatro da Trindade, Lisboa
Até 20/11 || 4.ª a sáb., 21h45 || Dom., 17h

€8,50 a €10